



COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

RENATA COCA FERNANDES RIBEIRO

**SIMBOLOS DO INCONSCIENTE – A JORNADA DO HEROI EM HARRY POTTER
E A PEDRA FILOSOFA**

ILHÉUS – BAHIA

2024.1

RENATA COCA FERNANDES RIBEIRO

**SIMBOLOS DO INCONSCIENTE – A JORNADA DO HEROI EM HARRY POTTER
E A PEDRA FILOSOFAL**

Monografia (Artigo científico) entregue para
acompanhamento como parte integrante das atividades
de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Orientador: Prof. Me. Lahiri Lourenço Argollo

ILHÉUS – BAHIA

2024.1

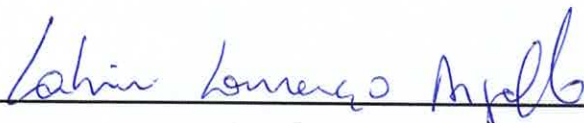
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE: A JORNADA DO HERÓI EM HARRY POTTER

RENATA COCA FERNANDES RIBEIRO

Aprovada em: 14/06/2024

BANCA EXAMINADORA



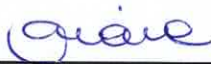
Prof. Me. Lahiri Argollo

**Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Orientador)**



Prof. Me. Filipe Cesar da Hora Carvalho

**Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Examinador I)**



Prof. Esp. Laysa Rodrigues Viana Moreira

**Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Examinadora II)**

SIMBOLOS DO INCONSCIENTE – A JORNADA DO HEROI EM HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

Renata Coca Fernandes Ribeiro¹

Lahiri Lourenço Argollo²

Resumo

Este trabalho recorre à Psicologia com orientação na teoria Junguiana para abordar a jornada do herói e aplicar na obra literária de fantasia “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. O objetivo é analisar as imagens arquetípicas presentes na obra, estabelecendo um paralelo entre a narrativa de J.K. Rowling e os mitos analisados pela Psicologia Analítica. A metodologia utilizada foi uma revisão narrativa de literatura, com levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo e Periódico CAPES, utilizando termos como “Psicologia Analítica”, “Psicologia Junguiana”, “Mito do Herói” e “Jornada do Herói”, filtrados com “Harry Potter” e “Arquétipo”. Foram selecionados 79 artigos relevantes para a análise. Os resultados destacam que a jornada do herói de Campbell está presente em toda a narrativa de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, com imagens arquetípicas que ressoam profundamente na psique coletiva. A análise revela como a obra de Rowling pode ser vista como um conto de fadas moderno, refletindo a contínua relevância dos mitos e símbolos arquetípicos na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Herói, Imagem Arquetípica, Psique

Abstract

This paper uses Psychology with a Jungian theoretical orientation to approach the hero's journey and apply it to the fantasy literary work “Harry Potter and the Philosopher's Stone”. The aim is to analyze the archetypal images present in the book, drawing parallels between J.K. Rowling's narrative and myths analyzed in Analytical Psychology. The methodology involved a narrative literature review, with a bibliographic survey in Scielo and CAPES Periodical databases, using

¹Graduanda do 10º semestre do Curso de Psicologia pela Faculdade de Ilhéus. E-mail:

²Professor-orientador do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Ilhéus. Email: psicologia@faculadedeilheus.com.br.

terms such as “Analytical Psychology”, “Jungian Psychology”, “Hero Myth”, and “Hero's Journey”, filtered with “Harry Potter” and “Archetype”. A total of 79 relevant articles were selected for analysis. The results highlight that Campbell's hero's journey is present throughout the narrative of “Harry Potter and the Philosopher's Stone”, with archetypal images resonating deeply in the collective psyche. The analysis shows how Rowling's work can be seen as a modern fairy tale, reflecting the ongoing relevance of myths and archetypal symbols in contemporary culture.

Keywords: Hero, Archetypal Images, Psique.

1 INTRODUÇÃO

A cultura pop tem produzido um aporte cada vez maior de conteúdo, seja na forma de filmes, séries, jogos ou livros. Não raramente esse conteúdo tem o famoso mocinho, seus amigos e um indivíduo mau que o mocinho enfrenta. Essa ideia é reformulada para caber em diversos contextos e instigar no público um sentimento de identificação com aquilo que está sendo retratado. Com as mais diferentes variações, algumas são mais cativantes e outras menos, mas sempre se encontra algum aspecto na obra ao qual as pessoas se identificam.

As primeiras histórias mais famosas e que instigavam o mesmo sentimento são as retratadas no que hoje chamamos de mitos, lendas e contos de fadas. Com o passar dos anos, esses também foram adaptados e encaixados num contexto contemporâneo, de certa forma, perderam toda sua mensagem inicial no que se é retratado. Porém, a premissa de que os mitos e contos são elementos antigos e obsoletos para a humanidade pode cair por terra ao observarmos psicologicamente e compararmos as antigas narrativas e as atuais. Comparadas com as produções de filmes e livros da cultura pop atual, os mitos e heróis parecem seguir um fluxograma narrativo fixo desde os primórdios.

Dentro de um contexto analítico, a narrativa de uma história é um motivo de grande atenção e promove profundas investigações. Através da narrativa que o indivíduo cria de sua própria história, é possível identificar diversos aspectos de sua psique e assim elaborar um manejo mais apropriado. Na Psicologia Analítica, pode-se notar quais funções psíquicas estão em evidência na personalidade, que tipo de personas a pessoa assume em sua vida e quais afetos que constelam em seus complexos assim como o núcleo mais intenso de energia que está no centro disso: os arquétipos.

Esse trabalho surge com o intuito de descobrir um paralelo entre Harry Potter e a Pedra Filosofal e os aspectos arquetípicos dos mitos, tendo em vista abordar as principais imagens arquetípicas contidas na narrativa desta história, sob o olhar de uma análise psicológica junguiana.

Para tal, este trabalho inicialmente irá vislumbrar pontos refletidos pelo olhar junguiano da psique e seus conceitos mais relevantes para esse trabalho de forma a situar o leitor no contexto psicológico em que se respalda essa análise. O que levará a um aprofundamento na jornada arquetípica em que se inserem os heróis, e a uma conceitualização mais detalhada de como identificar pontos concomitantes entre as narrativas dos heróis. Levando, enfim, a uma convergência que chega à análise da história de Harry Potter e a Pedra Filosofal sob o olhar da jornada arquetípica do herói.

2 MÉTODO

Na busca por respostas, optou-se pela realização de uma revisão de narrativa de literatura por possibilitar a discussão do tema pela ótica teórico-contextual (BRIZOLA; FANTIN, 2016). Assim, fez-se levantamento bibliográfico nas principais bases de dados em língua portuguesa (SciELO e Periódico CAPES), usando os termos “Psicologia Analítica”, “Psicologia Junguiana”, “Mito do Herói”, e “Jornada do Herói” filtrando-se os resultados com a aplicação das palavras “Harry Potter” e “Arquétipo”, por meio dos operadores booleanos “and” e “or”. Obteve-se o total de 144 artigos.

TERMOS	CAPES	SciELO
Arquétipo	2.370	156
Psicologia Analítica OR Psicologia Junguiana	2.296	167
Psicologia Analítica	2.205	159
Harry Potter	2.253	18
Psicologia Junguiana	226	20
Mito do Herói OR Jornada do Herói	222	8
Psicologia Analítica OR Psicologia Junguiana AND Arquétipo	111	3
Mito do Herói OR Jornada do Herói AND Arquétipo	22	0
Mito do Herói OR Jornada do Herói AND Psicologia Analítica OR Psicologia Junguiana	4	0
Harry Potter AND Arquétipo	2	0

Psicologia Analítica OR Psicologia Junguiana AND Harry Potter	2	0
Mito do Herói OR Jornada do Herói AND Arquétipo AND Harry Potter	0	0
Harry Potter AND Arquétipo AND Mito do Herói OR Jornada do Herói AND Psicologia Junguiana OR Psicologia Analítica	0	0

Desse universo, 12 embarcam numa investigação sob a ótica das religiões humanas, sendo 4 os artigos que relacionam símbolos arquetípicos ao catolicismo, 4 à religião Iorubá, 2 outros às religiões Nórdicas, 1 às religiões Nativo-brasileiras e 1 À religião Mesopotâmica. Dentre esses 12, 1 refere-se à vinculação dos símbolos arquetípicos entre HP e a religião católica e outro faz breve alusão ao satanismo e a magia de HP. Diversos (24) artigos analisavam diferentes obras - literárias ou cinematográficas – no espectro da Psicologia Analítica e mais 6 analisavam outras produções artísticas – artes plásticas e outras artes. Outros trabalhos (32) discutem conceitos da Psicologia Analítica (como individuação, anima, animus, complexos e inconsciente coletivo) em contextos variados. Outros tantos (34) elucidam acerca das porções sociais, filosóficas ou com a contabilidade, neuropsicologia, física e química e seus paralelos com expressões arquetípicas.

Para fins de uma maior fidelidade ao tema proposto e aprofundamento na pesquisa, foi feita uma delimitação, através da leitura dos resumos dos artigos resultantes das pesquisas com número menor que 300. Ao total, 79 artigos foram selecionados como pertinentes de maior investigação ao assunto. Porém, deste número, nenhum se destacou com materiais que agregam valor a esse trabalho em questão.

3 CHEGANDO AO INCONSCIENTE

Existem diversas formas de se abordar a complexidade da subjetividade humana. Pelo viés psicológico, diz Whitmont (2009), a abordagem da Psicologia Analítica propõe um olhar simbólico, que visa apreender a experiência vivida pelo indivíduo de forma concreta e literal, e a conectar com o significado profundo e introspectivo que o indivíduo deu a essa experiência, mediando os aspectos da vida que podem ser acessados de imediato e os que podem vir a ser acessados ao serem analisados simbolicamente. O autor considera existir no homem moderno uma dificuldade de experienciar suas vivências de maneira emocional e intuitiva, mantendo sempre seu posto de “homem pensante”, polarizado num racionalismo intelectual que o adocece.

Num propósito de desafiar as limitações intrínsecas do atual modelo racionalista de pensamento, e manter o caráter empírico do estudo psicológico, Carl G. Jung (2015), divide didaticamente os conteúdos da psique entre endopsíquicos e ectopsíquicos.

Ao descrever os conteúdos ectopsíquicos, Jung (2015) se referia aos conteúdos que constroem a experiência individual, que modulam a forma como funcionamos no mundo. Esses conteúdos, denominou de “funções psíquicas” e as dividiu em intuição, pensamento, sentimento e sensação. Este trabalho não se aprofundará nos aspectos ectopsíquicos.

Já com os endopsíquicos, referiu-se ao conteúdo da psique acessíveis por um processo de reflexão e análise – como memórias e afetos –, apesar da crescente dificuldade de acesso e controle consciente desses conteúdos conforme nos aproximamos do centro da mente consciente (Jung, 2015). Essas divisões ainda se referem ao conteúdo do campo denominado de mente consciente.

Aprofundando-se na Psicologia Analítica, deve-se considerar que, assim como outras áreas da ciência, esta utiliza-se de modelos metafóricos para descrever o que ainda está fora da capacidade humana de esquematização ou observação concreta (Whitmont, 2009). Nesse sentido, Jung (2015) postula a existência de um outro campo, que abarca conteúdos que ficam fora do limite do campo da mente consciente, o chamou de *inconsciente*, e o seccionou em duas partes: conteúdos pertencentes a aspectos pessoais do indivíduo e conteúdos pertencentes a aspectos coletivos da humanidade.

Para explicar de forma breve o conceito de inconsciente pessoal, Jung (2015) apresenta a ideia de que seus conteúdos, apesar de inaccessíveis de forma direta, podem ser conhecidos através de suas manifestações no campo consciente. Ou seja, para o autor, consciente e inconsciente coexistem e se influenciam; o segundo geralmente regendo a maior parte do comportamento humano, além de ser justamente a origem da consciência. O inconsciente pessoal abarca materiais energéticos que a mente consciente, por suas limitações inerentes a sua existência, ou até para mantê-la, não possui capacidade de processar.

Silveira (1981) diz que no Inconsciente pessoal haverá, por exemplo, uma memória ou experiência ali suprimida por não ser associada com motivos relevantes para a pessoa ou, ao contrário, por algo evocar um afeto tão intenso que cria diversas associações, o que afasta suas reações de algo controlável conscientemente. Além disso, a autora cita todas as partes mais negadas de si mesmo, toda sorte de adjetivos pejorativos possíveis que poderia ser associado a si mesmo, fica ali, sendo negado para a consciência da pessoa.

Até aqui, elencou-se conteúdos que podem ser analisados a partir da *particularidade* e individualidade de cada pessoa. Porém, no inconsciente coletivo, supõe-se uma evolução

psíquica que, assim como outros aspectos humanos, constroem-se sem se dissociar de sua condição histórica, ou seja, a psique possui em si conhecimentos passados hereditariamente, e esses conteúdos são *coletivos* da humanidade.

Torna-se preciso, então, elucidar brevemente inconsciente coletivo. Silveira (1981) faz uma alegoria a uma parte anatômica, uma parte da psique que é comum a todos os seres humanos; a camada mais comum da psique, onde pode-se encontrar os arquétipos. Jacobi (2017) caracteriza o inconsciente coletivo como um campo impessoal, imparcial, imensurável e inescrutável de acumuladas experiências de toda a história. De acordo com a autora, essas características o tornam o local onde – por meio de energia psíquica- se expressa, sem travas, a natureza humana.

Essa energia psíquica - ou libido - na Psicologia Analítica, é utilizada como um conceito que nos auxilia na avaliação quantitativa das relações entre fenômenos. Através da análise da frequência e intensidade das afetações de uma experiência, bem como com quantos elementos ela se associa concomitantemente, pode-se chegar a um valor aproximado de libido. Essa avaliação tem como base fundamental a experiência individual e, por meio da análise na abordagem em questão, é possível identificar como uma experiência se expressa em energia na psique e, por tanto, se torna mensurável (Jung, 2014). Jung propõe este conceito ao psicoterapeuta que utilize do ponto de vista de que a natureza do homem não separa o trabalho do corpo do da psique, mas que os considere inerentes um ao outro, um só.

3.1 IMAGENS ARQUETÍPICAS

E de onde vêm essa energia psíquica? Partindo dessa pergunta, necessário olhar para o vasto mundo dos símbolos que, na psicologia Carl Gustav Jung, é o paradoxo - entre o racional e irracional, abstrato e concreto, visível e oculto - que torna possível a comunicação entre consciente e inconsciente (Silveira, 1981). Sintetizando, o símbolo é um instrumento de manifestação da energia psíquica, capaz de movimentá-la e trazer à tona toda a totalidade do indivíduo (Jacobi, 2017).

Esses símbolos são encontrados, por exemplo, em mitos e lendas, que auxiliam no processo de trazer à tona a compreensão desses elementos de expressão do psiquismo humano; reconhecê-los é necessário para a evolução da psique, como diz Campbell (2004). O autor defende que esses elementos simbólicos surgem em mitos de maneira espontânea e influenciam a cultura e outras produções humanas, Jung (2016) ressalta ainda que os mitos são produções da história que resgatam conhecimentos importantes da vida adulta primitiva.

Ocorre que, mesmo sendo produções antiquíssimas, ainda hoje os mitos e os seus elementos atravessam a psique da humanidade (Campbell, 2004). Eles traduzem, diretamente do inconsciente coletivo, um aspecto ou bagagem da humanidade que se repete constantemente através do tempo, até hoje, em histórias diferentes de maneira atualizada (Jung, 2016).

A Psicologia Profunda utiliza do termo denominado *arquétipo* para esquematizar esse fenômeno. Os arquétipos em si, originados no inconsciente coletivo, sentam-se fora do dispor da consciência (Jacobi, 2017). Na descrição de Silveira (1981), arquétipo é uma virtualidade, um nodo de energia. Mas, podem se expressar na mente através de *imagens arquetípicas*, de acordo com Jacobi (2017). No mais, a autora complementa que esse nodo de energia é o principal responsável por gerar imagens capazes de representar a psique, e que essas imagens arquetípicas podem ser herdadas em sua forma, porém não em seu conteúdo.

É importante frisar que Jung (2015) defende que os arquétipos são apenas o contorno de um caminho, tendo em vista esse caminho já se repetiu múltiplas vezes, historicamente. Isso, porém, não revela os conteúdos ali nesse caminho, sendo esse caminho de fato preenchido pela experiência individual. Em um contraponto, Hillman (2022) irá trazer que fazer uma divisão de conceitos, entre arquétipo e imagem arquetípica, torna-se secundário, a prioridade psicológica será sempre considerar o fenômeno ali expresso (mito, processos imaginativos, sonho etc.), como arquetípico, independente da forma que se apresenta; considera toda a experiência humana arquetípica.

Por essa linha, ao adotar o termo *arquetípico*, intenciona-se aqui fazer referência ao que Hillman (2022) descreve como sendo o adjetivo que é atribuído às imagens de origem psíquica (imagens arquetípicas). De acordo com o autor, essas imagens são o que dão valor psicológico ao mundo, e estão ao dispor da consciência, conversando com a psique humana de forma a criar uma forma de elaborar sua narrativa histórica de uma maneira mais elaborada.

3.2 OS HERÓIS

Dentre os arquétipos mais dotados de libido está o do *herói* em sua jornada. A imagem que se forma é a de renascimento e morte, para que então o processo se reinicie. Essa imagem é de grande valor na Psicologia Analítica, pois, traz para o concreto, para o homem, o aspecto realizador - cultivado por milênios e compartilhado culturalmente - que tem sobre sua própria personalidade (Jung, 2016).

Agora, admitindo haver no homem moderno uma profunda identificação com o mitologema do herói, Hillman (2022) afirma ser essa a fonte de um pensamento autocentrado,

polarizado no egoísmo que molda a sociedade ocidental, e essa atitude impede o homem de entrar em contato com a possibilidade de sequer conhecer a outra polaridade, dessa forma, traz a imagem arquetípica do herói identificada no homem como a fonte de diversas psicopatologias.

Vamos, então, conhecer melhor a figura heroica em mitologemas. O herói é quem conquista a habilidade de ser submisso a inevitabilidade da morte, no sentido em que antes de tudo ele precisa morrer para que renasça transformado. Dessa forma, tornando o foco da morte em algo simbólico e consequentemente se conscientizando mais das imagens arquetípicas que precisam ser assimiladas rumo a evolução de sua psique. O herói assim se torna quando realiza feitos que adquirem motivos mitológicos – arquetípicos -, ou seja, universais, e é capaz de retornar, renovado, para contar história (Campbell, 2004).

Jung (2016) o descreve como alguém que detém conhecimento de algo e que, em síntese, precisa se debruçar sobre si mesmo para depois compartilhar com outras pessoas esse conhecimento, em consonância com a ideia de que a maior façanha do maior herói é compartilhar com o mundo o resultado de suas autorreflexões de Campbell (2004).

Como Jung (2016) afirma, a imagem arquetípica do herói é muito associada justamente a uma peregrinação, marcada por uma busca simbólica rumo à recuperação de algo de anseio do herói, resultado de uma separação de dois que já foram um todo. Como do sol pela lua, do filho pelo útero, do inconsciente pelo consciente e vice-versa. Vamos ilustrar mais a diante alguns pontos relevantes para melhor entendimento do cenário e elementos da jornada do herói.

Já Neumann (1990) traz um ponto de vista tão simbólico quanto prático, quando diz que o mito do herói é a representação do processo de conquista da própria independência, fazendo contraponto a prévia conduta do homem de centralizar outros arquétipos em sua vida. Assinala assim a importância da jornada do herói para o progresso da autoconscientização do indivíduo.

Esse progresso se inicia cedo e é natural. Jacobi (2016) recorda a necessidade humana adquirida ainda na infância de sair, por assim dizer, do mundo concreto e mergulhar na fantasia. Claro que quando crianças o realizamos como crianças pois é o que nos cabe, mas ao amadurecermos essa necessidade de equilíbrio ainda é uma verdade, como diz a autora, e fantasiar segue sendo um valor inerente ao interior do homem tanto quanto ter um coração, ou seja, isso o vincula à vida.

Afunilando a discussão acerca do herói arquetípico, Campbell (2004) vai correlacionar ainda os mitos e os contos de fadas. O autor diz que, como têm o mesmo padrão de percorrer uma jornada em uma busca simbólica, ambos exprimem conteúdos arquetípicos. Diz que o que separa um herói mitológico do herói do conto de fadas é a proporção que suas ações repercutem.

Enquanto o do mito conclui uma tarefa de proporções universais, o do conto irá ter um trunfo doméstico.

Num ponto de vista guiado por Marie-Louise Von Franz (1990), o conto de fadas é ainda elevado ao ponto de ser considerado mais próximo de representações culturais específicas, ou seja, traz de forma mais lapidada os conflitos que acontecem de forma bruta nos mitos, consequentemente, expressando a psique de forma mais pura. Coloca, assim, os contos como uma valiosa ferramenta nas mãos de um psicoterapeuta em busca de imagens arquetípicas, ao lado dos mitos.

Além disso, as fantasias inspiravam os povos primitivos a contarem histórias, e essas histórias eventualmente também se tornaram o que chamamos hoje de mito - ou conto de fadas (Jung, 2015). Por tanto, os contos de fadas são arquetípicos e, mesmo que a leitura de uma história dessas não deixe marcas significativas no aspecto consciente, por conta da mente racionalizada, a sua linguagem simbólica se comunica diretamente com o inconsciente, tocando-o de maneira profunda e transformando intimamente os indivíduos (Silveira, 1981).

Pela hipótese de Von Franz (1990) de que um conto de fadas originalmente aflui de experiências puramente humanas que foram interpretadas em condições psicológicas delirantes ou associadas a fenômenos paranormais vividos por seres humanos, vê-se a introdução dessas perspectivas que unem imagens arquetípicas de heróis a pessoas comuns e o processo psicoterapêutico, galgando o desenvolvimento da psique, levando a uma possibilidade de mergulhar no mundo dos contos de fadas.

4 JORNADA ARQUETÍPICA

Acima, abordou-se quem é o herói e onde encontrá-lo. Pode-se agora seguir para uma descrição do que foi citado anteriormente como sendo a *jornada herói* que nos situa acerca do herói em sua saga e nos indica o caminho que o fez herói se tornar herói, tanto de forma concreta quanto simbólica.

A jornada arquetípica, diz Von Franz (1990), deve inicialmente levar em consideração a exposição (tempo, lugar e problema), as *dramatis personae* (pessoas envolvidas) e as *peripeteiai* (altos e baixos da história), que levam a uma conclusão que resolve -ou não- o problema. A autora acrescenta que, antes de se iniciar a análise psicológica nesse contexto, é imprescindível que se tenha em abundância conhecimento prévio de um material comparativo que pode ser usado como contextualização das imagens apresentadas. Dessa forma, não se

resume à, mas diz que a interpretação psicológica é ligada à bagagem psíquica do próprio terapeuta, e é relativa.

A jornada que Campbell (2004) dividiu didaticamente em *separação, iniciação e reintegração*, cada uma com suas características e subdivisões, segue uma sequência padronizada que será adotada como principal material comparativo para análise. Dessa forma, segue uma elucidação dos pontos relevantes da jornada esquematizada por Campbell.

Na separação, a jornada se inicia com um chamado à aventura, que se apresenta ao herói como uma mudança do status quo que pode ser profunda. Um mero acaso ou um erro que pode mudar o destino do herói e marcar, assim o início da separação. Bem-marcado nesse momento está a presença do ‘arauto’, que se constitui em uma figura considerada subversiva, geralmente algo que a sociedade rejeita, ou vê como ruim.

Porém, diante do chamado, existem duas possibilidades: ser ouvido e aceito, ou ser recusado. A recusa é um apego à sua forma atual de ser, pode ser um apego a rotina, um apego a cultura ou uma negação a crescer. Mas pode ser também, caso feito de forma voluntária, o momento de hesitação necessária para que o herói tensione ainda mais o potencial interno de mudança até que sua resolução seja inevitável. Muito mais comum, é a recusa marcada por mecanismos inconscientes que fixam o herói no conforto do jeito que as coisas são.

Quando ele o aceita, culmina o momento de encontro com uma figura que remete ao poder da ambivalência que ainda deve ser descoberto da aventura. Fonte de perigo e proteção, traz em si respostas e dúvidas, o pai e a mãe e os opostos do inconsciente. Esse auxílio o muni de amuletos - objetos de propriedade protetora – e conselhos, representando aspectos abençoados do que virá na aventura. Além disso, a imagem que se materializa é comumente de alguém que conduz – um barco, uma aeronave, uma carroça - e guia o herói.

Passado todo o momento de concelhos do guia e a aquisição dos amuletos para a jornada, o herói precisa atravessar de fato o último limiar que separa o conhecido do desconhecido, sendo um momento que necessita superar o profundo sentimento de pânico para ver o perigo desaparecer, de acordo com Campbell. O autor nos diz que adentrar regiões desconhecidas é adentrar regiões de encontro consigo mesmo, onde os conteúdos inconscientes arquetípicos podem se manifestar livremente, colocando o herói em experiências tanto maravilhosas quanto terríveis.

Quando faz essa travessia, o herói se encontra dentro do “ventre da baleia”, o lugar que representa o movimento que ele faz para a morte de quem um dia foi. Ele deixa de existir no seu mundo anterior, e agora está no centro, no ventre, para ser gerado novamente. É um momento de metamorfose; o herói se desintegra. Um detalhe importante que o autor destaca é

que essa passagem para dentro é algo que deve se tornar tão natural quanto o de passar para fora, o herói deve se familiarizar com esse movimento, pois parte de sua tarefa será voltar de onde veio. É o que simboliza o seu desapego às delimitações de seu eu antigo.

Doravante ter-se-á o ápice da aventura, conhecida como iniciação. É onde se encontram os desafios, monstros, inimigos e onde o herói utiliza dos elementos apresentados pelo guia e outros elementos encontrados anteriormente na aventura; é onde ele realiza milagres, feitos incríveis e heroicos.

Grandes perigos se encontram no caminho de provas, símbolos de aprofundamento na psique que podem ser representados por uma descida, por um lugar de escuridão ou um local labiríntico onde o herói entra de forma voluntária ou não. O herói ainda está de certa forma sendo testado para a possibilidade de se tornar um herói, está aqui sendo submetido ao processo e confrontar suas resistências e enfrentar aspectos de si mesmo que sequer sabia da existência.

A seguinte imagem arquetípica que se encontra na jornada é a da Deusa Mãe. Pode aparecer como uma mulher boa ou má; comumente, é a própria mãe do herói e apresentada em seus aspectos negativos ou ambíguos, ou seja, ela pode ser uma mãe raivosa e violenta tanto quando ausente, ou ainda, se presente, representar o apego a infância que deve morrer.

Esse encontro é a prova que o herói é compatível com a própria vida, no sentido em que a mulher é o símbolo tanto do que cria a vida quanto do que a destrói. Ser compatível exige uma postura específica que emane do herói o que Campbell chamou de capacidade de ser abençoado com o amor compassivo. Caso abençoado, o herói se mostra livre de ressentimentos ou desejos infantis, se desprende dos grilhões da infância e, assim, é capaz de aprender com a vida/mulher, de tomar posse do conhecimento que ela mesmo é, de forma que ao consumir esse sabe, ele se torna parte do herói.

Tendo o herói integrado este conhecimento, dá-se então o casamento simbólico da mulher com o homem, uma união que representa o aumento da própria consciência e a inevitabilidade da sintonia com a imagem do pai.

Notoriamente visto na imagem do Deus Pai, um pai que performa a justiça, misericórdia e a ira. É uma sintonia no sentido em que o herói precisa se colocar merecedor também da benção do pai, e nesse caso o herói precisa ser compatível com o trabalho, este sendo simbolizado por sua própria aderência às obrigações, a sua vocação ou a um ofício onde ele possa representar as características acima citadas. É quando o herói se torna capaz de reajuste de atitude e se torna capaz de atitudes adultas e menos controlada pelos desejos e emoções.

Sendo uma imagem de iniciação nesse mundo, se apresenta como algo de difícil realização e representa mais um movimento de desapego á antigos conceitos de si mesmo, mas

principalmente simboliza o impossível encontro entre os opostos que são o Pai e toda sua ira e misericórdia; a Mãe e seu dom de criar vida e de destruí-la.

No sucesso do confronto com a imagem do pai, o herói torna a si mesmo portador do pai e da mãe. Campbell vai trazer essa interação como sendo o auge da libertação através do conhecimento que um herói pode ter de si mesmo, sendo algo que considera reproduzível por cada um de nós. E então esse conhecimento torna possível a transformação do herói em algo que não se diferencia do que é a dualidade, que é consciente e inconsciente. Agora compreende sua própria projeção nas imagens arquetípicas Pai e Mãe.

Ele se torna capaz de simbolizar o que lhe ocorreu, e então compreende que a realização da jornada não é a obtenção de algo concreto, ou algo que o pertença e está fora de si. Percebe que é sim um processo de busca, mas de algo simbólico que está dentro de si. É ele mesmo o mistério que ele busca resolver. O herói busca a si mesmo. A psique então ultrapassaria qualquer agrilhoamento pessoal e se abandonaria dogmas, ideologias, cultos e alcançaria novos mares, sendo o processo pura agonia para todos as amarras do homem autocentrado que um dia foi, que deve se voltar a servir ao outro no sentido mais profundo de considerá-lo não mais diferente de si. Num paradoxo, a jornada se volta novamente para o que se pode realizar de prodigioso e o herói agora busca no momento presente os símbolos que te movam a energia psíquica ignorando qualquer tentação ou desejo.

Então o herói há de retornar com essa energia, com essa imagem simbólica de algo que estava perdido. Há histórias fadadas ao fracasso também, pois nessa nova etapa, a moral não se trata de venerar a grandeza de um herói. Como vimos, a busca por si mesmo perpassa o desprendimento do seu mundo anterior e conhecimentos que mudam uma pessoa profundamente, logo, o retorno deve aqui representar o que para o herói é o mais alinhado com sua própria natureza. Pode até se recusar, visto que tem para si a dádiva do conhecimento, a retornar. Pode, ainda, ter que se deparar com um status de pária perante pessoas pouco preparadas para este conhecimento. Pode se perder para sempre.

Passar pelo limiar de volta ao mundo da superfície é algo doloroso. O herói agora deve lidar com a dor e o prazer de ser quem se é. E, se muito talentoso este for, pode quem sabe se tornar senhor dos dois mundos e assim caminhar entre os limiares de forma familiar, sem corromper os limites de cada instância.

5 INICIANDO A JORNADA

Agora, já tendo feito o esboço do processo da formação de um herói, propõe-se uma visita ao mundo de Harry Potter, famoso herói bruxo, porém, visto de um viés psicológico. “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, ou apenas “HP”, é uma obra de fantasia escrita pela autora britânica J.K. Rowling e publicada pela primeira vez em 1997. É o primeiro livro de uma série de sete e introduz muitos temas, como a importância da amizade, a luta entre o bem e o mal, o poder da escolha e a busca pela própria identidade. Representa ainda hoje o gênero da literatura fantástica e inspira uma geração de leitores. A história do primeiro livro de HP será o material de análise da jornada do herói.

Fazendo uma breve contextualização e exposição do contexto inicial tem-se o herói, Harry, que é um bruxo de 10 anos e que viveu esses anos na ignorância a respeito de sua própria origem e identidade bruxa, demonstrando o quanto seu estado inicial é de total falta de consciência sobre si mesmo. Vive com seus tios, Válder e Petúnia, e seu primo Duda em um ambiente comum e tedioso, onde ele é tratado com intenso desprezo, sendo deixado com fome e até por dias trancado no armário onde dormia. Sua pequenez era contrastada com a grandeza do primo, ele mal comia, não tinha amigos, ele era apequenado de todas as formas.

Num dia comum na vida medíocre de Harry, o destino decide que, por acaso, a pessoa que iria ficar com ele, para que sua família desprezível fosse ao zoológico, iria quebrar a perna. Seus tios são obrigados a levá-lo com eles nesse momento de comemoração, e essa é a primeira manifestação de que a energia estava se movimentando em direção a uma mudança para fora do familiar.

Lá, na ala dos répteis, Harry passa a imaginar, ao observar uma jiboia-constritora com atenção, o que ela poderia estar sentindo com estranhos observando-a em cativeiro o dia inteiro. Chega à conclusão, que a vida da cobra é muito pior que sua, momento em que começa a se comunicar com ela, e descobre que ela nasceu em cativeiro, não conhece o lugar de onde veio. Seu primo interrompe a interação com violência, e então, de alguma forma, o vidro da jaula da cobra desaparece e ela serpenteia em liberdade.

Esse herói acaba de entrar em contato com o ‘arauto’, que se constitui em uma figura considerada subversiva, geralmente algo que a sociedade rejeita, ou vê como ruim. Uma imagem que remete justamente a um primeiríssimo momento de comunicação do herói com sua alma, presa em cativeiro e primitiva como um animal reptiliano, até o momento que é liberta pelo herói – mesmo que inconscientemente-.

Quando Harry começa a receber cartas endereçadas a ele, coisa que nunca havia ocorrido, seus tios, dotados de uma admirável negação a tudo que não fosse normal, o impedem de ler suas cartas. Essa movimentação de energia que vem para Harry é algo que afeta todos

ali, de maneira que a família começa a tomar medidas que o impedissem de ler as cartas, que não paravam de chegar, endereçadas a Harry.

Seu tio chega a tomar medidas extremas para impedi-lo de entrar em contato com essas cartas. Primeiro, ele dorme na frente da porta para pegar as correspondências pela manhã, em seguida, passou a faltar no trabalho e a vedar com madeira todas as portas e janelas da casa, depois, vendo que era inútil, decide ir para um hotel e comprar uma arma e em seguida, vendo que as cartas ainda chegavam, decide se mudar com sua família para um casebre em uma ilha minúscula no meio do mar. A atitude desse homem de negação o leva a atitudes neuróticas.

Essas atitudes neuróticas exteriores são o que sujeitam o herói a condição já estabelecida de se manter na escuridão, sob o controle de sua cultura, do que já lhe é conhecido e do qual não se vê capaz de escapar. E não por acaso, é na virada de seu aniversário de 11 anos – aqui uma representação de amadurecimento e troca de ciclos - que o destino se tensiona ao ponto dar fim a sua inércia.

Essa primeira imagem de guia que vem do outro mundo para auxiliar está para o herói como a personagem Rúbeo Hagrid, Guardiã das Chaves e das Terras de Hogwarts. Nome e títulos que ilustram a sua função no mundo do herói, que é justamente ser a chave que abre o acesso a essas terras mágicas. A personagem seguirá aparecendo outras vezes mais na jornada, tendo um papel bem central e reforçando sua imagem de condutor e ambivalência de opostos por toda trama.

Hagrid é um gigante e aparece de supetão, derrubando a porta de entrada de Harry e o oferecendo comida e agasalho. Conta a origem bruxa do menino, finalmente entregando em mãos a carta que o pertencia e que estava convidando-o a estudar magia em uma escola para bruxos. Lhe fala como seus pais foram assassinados - fato ainda desconhecido para o menino - o introduzindo a Voldemort, quem os matou. Se mostra muito disposto a responder todas as (muitas) perguntas de Harry, mas ele mesmo admite que alguns fatos ainda são um mistério.

O gigante o leva a passar pelo primeiro limiar de um mundo para o outro. Ele os atravessa por uma parede que abre um arco sob o toque, e Harry é convidado a descobrir o início de um novo mundo, e para além disso, é convidado a descobrir uma nova versão de si mesmo. Nesse mundo, seu nome é famoso, sua história inspira pessoas e instiga esperança.

Harry passa por uma série de atravessamentos, por assim dizer, desses conteúdos inconscientes até chegar ao limiar entre um mundo e outro. Descobrimo o mundo dos bruxos, se depara com o banco deles, que fica tão profundo no subterrâneo que guarda um dragão. O dragão em si é uma imagem que Jung (oc5) traz como um motivo arquetípico que faz referência

à imagem de mãe devoradora e do medo desse devorar. O herói vê o fogo do dragão ao longe, mas não o vê.

Nessa visita ao banco subterrâneo, conhece uma riqueza generosa que seus pais o deixaram e leva uma parte consigo. Esse ouro subterrâneo simboliza o resgate de suas heranças que começam a vir à tona, é um contato com as imagens de pai e mãe que são características do enfrentamento do limiar de Campbell.

Dentro desse contexto, Harry encontra mais personagens que o ajudarão a encarar aspectos simbólicos seus ainda nas sombras. Um deles é Drago Malfoy, um bruxo arrogante e metido que rivaliza com Harry durante a história toda. Malfoy é um bruxo que aprendeu a elevar o orgulho que sente de ser um bruxo acima da medida e se torna agressivo e arrogante.

Esses enfrentamentos vão começando a formar, aos poucos, quem o herói é de fato. Com esse ouro, é capaz de começar a se integrar nesse novo mundo, comprando seu uniforme e materiais para a nova escola de bruxaria que frequentaria. E com o encontro com Malfoy, se

Dos demais itens que Hagrid ajuda Harry a conseguir, estão uma coruja que lhe é dada como presente de aniversário e uma varinha. A coruja, toda branca, se chamará Edwige. Neste mundo, as corujas são como os bruxos trocam mensagens; trocar cartas é um de seus principais meios de comunicação. O presente do gigante/guia é uma ferramenta de comunicação para Harry nesse mundo novo.

Já a varinha, é justamente o símbolo de poder de um bruxo; ela representa o canal pelo qual ele pode usar seus poderes para agir no mundo. Aqui, o herói é colocado em paralelo com Voldemort, quando nos é revelado que suas varinhas foram feitas do mesmo material, sendo gêmeas. Indica uma ligação, mostra que ambos utilizam da mesma fonte de energia para agir no mundo.

Para iniciar a aventura, o herói precisa atravessar o limiar de fato. Isto é observado no momento de embarque do herói, que precisa pegar um trem rumo à sua nova escola. Antes de embarcar no trem, Harry precisa chegar à plataforma 9^{1/2} na estação de trem. Seria uma tarefa fácil, se esta plataforma não fosse alcançada apenas após correr em direção a parede que separa a plataforma 9 da plataforma 10. Harry realiza a tarefa, não se deixa apoderar pelo medo e assim chega ao outro lado ileso, exceto pelo velho medo que fica para trás quando voluntariamente se dispõe a correr contra uma parede maciça, acreditando que sua realidade agora é outra.

Entretanto não faz isso sem ajuda, pois, no momento de necessidade, surge em seu caminho Molly Weasley, a primeira mulher adulta depois de Petúnia. Ela é a imagem da Mãe auxiliadora, a primeira que entra na história de Harry, representando uma parte do auxílio

sobrenatural comum dos heróis receberem. Ainda assim, esse auxílio não cai aos pés do herói, vale destacar que quem faz o primeiro movimento em direção ao conhecimento, ainda é o herói.

No trem, conhece as primeiras personagens que ficariam mais próximas dele ao longo dessa jornada. Seus amigos Rony Weasley, um bruxo de família bruxa e Hermione Granger, uma bruxa de família trouxa. O primeiro é quem proporciona ao herói um primeiro ponto de projeção de tudo que ele pode nesse mundo novo. A segunda, é uma representação de um aspecto feminino da sua personalidade que condiz com sua ingenuidade quanto ao novo mundo, mas de maneira ainda mais intensa, com a vontade e potencial extremos desse aspecto de aprender.

O trem vai saindo da cidade e o cenário vai se tornando mais silvestre, mais desconhecido a cada segundo, a noite cai e Harry chega a seu destino: Hogwarts.

Aqui iniciam-se as peripeteias da jornada mitológica do herói. Harry vai iniciar sua estadia na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. É selecionado para sua casa em Hogwarts, ficando na Grifinória, uma das quatro que a escola separa em Grifinória, Corvinal, Lufa-Lufa e Sonserina. Cada casa é assim dividida por prezar por características específicas de seus integrantes, mas cada pessoa pode escolher qual vai ser seu lar ali dentro.

A escolha de Harry é uma das primeiras grandes decisões que faz para nos apresentar o herói que ele é, ou quer ser: corajoso, e com o coração indomado. Também é um movimento que torna concreto a mudança de lar que faz. Troca seu lar anterior com os tios, que o limitava, diminuía e prendia por um totalmente novo, onde a novidade abre para ele mil possibilidades.

Potter irá a partir daí conhecer seus professores, colegas, seu novo lar e vai entrar em contato mais profundo com algumas imagens que vão trazer uma movimentação conflituosa à história. Um aspecto sombrio que o herói certamente enfrenta com intensidade e coragem é Malfoy. O ponto chave desses enfrentamentos é que os conflitos com Malfoy sempre culminam num desfecho que na verdade se converte em algo bom para o herói.

Quando Harry o confronta por ser um bully com outro colega, e este força o herói a voar de vassoura sem permissão, o herói voa tão bem que é admitido no time da escola de quadribol (um esporte comum dos bruxos onde se pontua passando bolas em aros no ar, praticado em vassouras voadoras). Este tem um comportamento abertamente desafiador para com Harry e seus amigos, e na busca por confronto direto, isso os leva ao corredor proibido do terceiro andar, onde se deparam com um cão de 3 cabeças que está sobre um alçapão. Aqui, o cão se chama Fofo, mas representa uma imagem clássica de Cérbero, o cão infernal que guarda os portões de Hades.

Este detalhe, que na realidade é notado por Granger, coloca o herói mais uma vez em contato com o conhecimento que o feminino que é a vida, pode dar. Ele integra esse conhecimento com outro aspecto de sua jornada, mas ainda não chega a aceitar a garota como sendo um personagem a se agregar na sua história.

Essa situação só vai mudar quando, sem querer, Harry e Rony acabam trancando a menina no banheiro com um trasgo, colocando a menina em risco de morte. Mas o trio consegue superar o trasgo em um trabalho conjunto e para agradecer o fato de ter sido salva, Hermione assume toda a responsabilidade dos acontecimentos com o trasgo. Agora, Hermione integra o trio de ouro Harry-Rony-Hermione, e mais importante, mostra ao herói que as características que associou ao feminino, sabedoria e cautela, também podem ser integradas na coragem dele.

Desde a sua talentosa demonstração com a vassoura, Harry se tornara apanhador no time de quadribol, de forma instintiva ele sabia como manobrar uma vassoura, era como se fosse natural para ele estar ali. Porém, ele sequer sabia quais as regras do jogo, era a primeira vez que entrava em contato com ele. Dessa forma, teve que aprender do zero o que é quadribol, treinar com a vassoura e ainda se provar merecedor desse cargo no campeonato de quadribol da escola. Isso se relaciona diretamente com o pai que nunca conheceu, como fica sabendo, este era um excelente jogador de quadribol.

O herói obtém um sucesso grandioso nessa provação e assim consegue atribuir a si mais uma qualidade formativa que deve passar para se tornar herói. Recebe ainda, de um remetente misterioso, uma capa da invisibilidade, que era pertencente a seu pai; símbolo dessa vitória e ainda um objeto que, ao ser vestido, desaparece completamente com o corpo da pessoa, é quase como se a pessoa não mais existisse.

Conclui bem as tarefas necessárias para integração simbólica do feminino e do masculino, e vai criando mais consciência de quem ele mesmo é. É bruxo, pertence à grifinória, é capaz de voar muito bem de vassoura, cativa bons amigos. Porém sua maior provação é quando encontra o espelho de Ojesed, que mostra refletido o desejo mais íntimo no coração de cada um. Harry se vê rodeado por sua família. É a imagem de seu pai e sua mãe que mais o prende, mas para além de um reflexo do desejo de um órfão, surgem diversas pessoas de sua família, e em cada um, vê um traço de si mesmo refletido.

É como se houve no desejo mais profundo de seu coração não apenas vontade de preencher a falta de uma família, mas a necessidade de se ver pertencente à aquele grupo de pessoas que compartilham com ele características diversas, um desejo de se ver representado também, é como se ao desejar essa multidão de pessoas, Harry mostrasse seu desejo de não desaparecer ou pelo menos de ver que pertence a uma continuidade. Ele se vê preso ali naquela

imagem e é como se toda sua energia psíquica estivesse presa ali também, fixa nas imagens das pessoas de sua família. Esse apego é justamente o desejo que herói tem de superar para se tornar um herói. Refletindo-se naquela imagem que não é real, é apenas um desejo, o herói fica impossibilitado de se mover a diante.

No caso de Harry, ele de fato volta toda sua energia para aquilo, indo noites seguidas ver o espelho de Ojosed, até que o diretor da escola, Alvo Dumbledore, intervém e explica para Harry o que está acontecendo, dizendo-o para não mais procurar o espelho.

Em paralelo com esses estágios de evolução pessoal, seu mundo de forma geral também vai passando por mudanças. O inverno chega, os dias ficam mais escuros, e aos poucos o herói vai se conscientizando que uma série de eventos acontecendo em seu mundo, relacionados indiretamente com ele. Vai entrando nos aspectos mais ligados ao problema central que deve ser resolvido no enredo da narrativa.

Neste caso, descobre-se que Alvo, o diretor da escola, por ser grande amigo de Nicolau Flamel e já ter desenvolvido trabalhos alquímicos com ele, guarda em Hogwarts, em um alçapão guardado por um cão de três cabeças, a única pedra filosofal já produzida no mundo. E que esta, capaz de produzir o elixir da vida e transformar qualquer metal em ouro, está sob constante vigia pois está sendo procurada, justamente por aquele bruxo das trevas que havia assassinado seus pais, numa tentativa de voltar a seu poder total e revigorado.

Para impedir esse acontecimento terrível, Harry e seus amigos então seguem para o alçapão, passam pelo Fofó e mais alguns testes, onde devem provar proficiência em herbologia, voo, xadrez e poções. Situação em que seus amigos ficaram para trás para que Harry pudesse continuar até encontrar o desafio final. Este, se mostrou ser Voldemort, possuindo o corpo de um bruxo como se fosse um parasita, alocado na parte de trás de sua cabeça.

Harry se depara com o espelho de Ojosed novamente, e de alguma forma este é o segredo para chegar à pedra. Voldemort não consegue desfazer o mistério, mas assim que Harry se põe frente ao espelho, a pedra surge em seu bolso, ficando claro que este último teste só é possível de ser concluído porque o herói possui as características inerentes de um herói que está em busca de uma conquista muito mais simbólica do que concreta.

Mais à frente, descobrimos que a pedra só poderia ser encontrada por alguém que quisesse encontrá-la sem possuí-la. Ou seja, se alguém que se colocasse na frente do espelho almejasse a pedra para si com qualquer intuito além de apenas pegá-la, o espelho mágico iria saber e não a daria. O herói queria a pedra não por algum poder que ela lhe daria ou para usá-la de qualquer maneira, ele não desejava a pedra em si, ele queria impedir Voldemort de encontrá-la.

Voldemort, mesmo abatido fisicamente e reduzido a um parasita, prevê que Harry conseguiu encontrar a pedra e o ataca através de seu corpo parasitado, na tentativa de impedir o menino de fugir com a pedra. Neste momento entra em jogo a mesma proteção mágica que havia atuado na noite em que os pais do menino morreram. Voldemort não consegue tocar Harry sem sentir uma dor excruciante, pois ao morrer protegendo-o sua mãe havia dado ao herói ainda bebê a expressão de maior poder mágico nesse mundo, traduzida em seu sacrifício e amor.

Com isso, derrota temporariamente o espectro de Voldemort, impedindo-o de chegar à pedra filosofal, que se sabe que será destruída. Finaliza assim história, e o ano letivo de Hogwarts e retorna para as férias com os tios, com um sorriso no rosto pois agora, mesmo que esteja voltando para aquele ambiente nocivo e doente, ele já não é mais o mesmo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas da jornada do herói de Campbell estão presentes do início ao fim da narrativa de Harry Potter e a Pedra Filosofal. A jornada do herói segue padrões arquetípicos e apresenta imagens simbólicas do aspecto comum da psique.

Considerando o que foi interpretado até este ponto, não se pode chegar a uma conclusão nem perto do potencial de simbolização presente na obra. E, apesar do trabalho ter surgido com o intento de que fosse feita uma associação com uma jornada arquetípica, a profunda análise psicológica desse tipo de jornada não pode ser abarcada em apenas um trabalho acadêmico.

Assim como também deve-se considerar que Harry Potter é uma saga de sete livros e as histórias são um contínuo. Ou seja, a análise da jornada do herói poderia ser feita de duas perspectivas: a obra toda ou cada livro individualmente. Supõe-se que analisando de forma individual, são histórias que, como a da Pedra Filosofal, se completam em si mesmas e caracterizam em si um conto de fadas. E quando analisadas como uma história só, a perspectiva macro a aproxime muito mais de uma história mitológica, além de mostrar outras perspectivas de simbolização de eventos e personagens.

Por tanto, o que foi reunido até aqui é uma versão compacta dos aspectos simbólicos que são encontrados em Harry Potter e a Pedra Filosofal e que podem levantar mais questionamentos de como um conto de fadas que segue a jornada arquetípica comum pode ser simbolizado.

Dentro da perspectiva analítica, este material pode ser utilizado como forma de vislumbrar quais aspectos de Harry Potter mais reverberam na sociedade para que haja tamanha identificação com o público, dando uma referência cultural que amplia os conhecimentos acerca

das projeções da psique em diversos aspectos. Desde como a jornada de autoconhecimento é vista até como ela pode ser conquistada. Claro que ainda é realmente apenas um vislumbre, uma ampliação de olhar deve nos revelar os processos do opus alquímico.

As diversas referências ao trabalho alquímico na obra de Rowling não foram exploradas por priorizar a delimitação da jornada arquetípica, conforme a realidade da prática permitiu. O presente trabalho demandaria de muitas páginas a mais para expandir tais assuntos. Fica então em aberto a possibilidade de futuras ampliações relacionadas a alquimia.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2004.

CAMPBELL, J. **O poder do mito - Joseph Campbell, com Bill Moyers**: São Paulo: Palas Athena, 1990

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**: Petrópolis, RJ. Vozes, 2017.

JUNG, C. G. OC 5. **Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**: Petrópolis, Vozes, 2016.

JUNG, C.G. OC 8/1. **A energia psíquica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. OC 18/1. **A vida simbólica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1990.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e A Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. 7ª ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1981.

WHITMONT E. C. **A Busca do Símbolo**. São Paulo: Cultrix, 2009.

VON FRANZ, M.L. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.